

A Farmácia pelas lentes de Jean Parrot

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
editor desta revista

Uma das maiores autoridades farmacêuticas do mundo, o francês Jean Parrot é presidente da Ordem dos Farmacêuticos da França e vice-presidente da Federação Farmacêutica Internacional (FIP)

Quando fala sobre Farmácia, os olhos azuis do Dr. Jean Parrot brilham. Talvez, porque consiga dar profundidade e uma incomum visão social às suas reflexões sobre o assunto; talvez, porque fale mais com o coração, a ponto de se emocionar às lágrimas, como aconteceu, durante esta entrevista à revista PHARMACIA BRASILEIRA, ao tratar da situação subumana do povo do Zimbábue, na África. Jean Parrot é uma das maiores autoridades farmacêuticas do mundo. Presidente da Ordem dos Farmacêuticos da França e vice-presidente da Federação Farmacêutica Internacional (FIP), ele veio ao Brasil, a convite do presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos. Aqui, foi homenageado com a Comenda do Mérito Farmacêutico, concedida pelo próprio CFF; participou da solenidade de comemoração ao Dia do Farmacêutico, em Brasília; fez um pronunciamento, durante o evento (ver matéria à página 23) e se inteirou sobre a realidade farmacêutica brasileira. Doutor em Farmácia pela Universidade de Paris, Parrot tem vasta experiência em atenção farmacêutica, adquirida nos longos anos em que atuou no segmento de farmácia comunitária. Dirige o Centro Nacional de Farmacovigilância da França e tem os olhos muito bem abertos ao que diz respeito à profissão farmacêutica no mundo. O Brasil é, agora, um dos países do seu interesse. Para ele, o farmacêutico tem que encontrar o ponto de equilíbrio entre o comércio e a saúde, presentes na farmácia. A emoção que teve ao falar do Zimbábue, deu-se, no momento em que refletia sobre a importância da atenção farmacêutica. Lembrou do erro estratégico do governo francês, Cruz Vermelha e ONU (Organização das Nações Unidas) que



Dr. Jean Parrot: "Farmacêutico precisa encontrar equilíbrio entre comércio e saúde"

enviou quatro toneladas de medicamento àquele País africano, sem o suporte da orientação farmacêutica. "O que é que eles vão fazer com quatro toneladas de medicamentos? Quem é que vai dizer àquele povo que ele tem que usar o medicamento tantas vezes, ao dia? Que tem que tomar um determinado produto, durante, antes ou depois das refeições? Mas que refeições, se eles não têm nada o que comer?", observou o farmacêutico, arrematando: "É uma completa loucura achar que vai se resolver o problema da Aids ou de alguma outra doença daquele ou de qualquer outro povo nas mesmas condições apenas mandando para lá quatro toneladas de medicamentos". **Veja a entrevista.**

PHARMACIA BRASILEIRA – A atenção farmacêutica, no Brasil, está em construção. Há problemas, nesse setor, principalmente a ausência de farmacêuticos em muitos estabelecimentos. Mas essa construção, com todas as dificuldades, também apresenta o seu lado avançado, com o farmacêutico exigindo de si mais conhecimentos, maior qualificação e principalmente assumindo a consciência de que deve prestar bons serviços à sociedade. O senhor, que preside o órgão máximo da Farmácia de um país desenvolvido, onde a atenção farmacêutica está consolidada, há tantos anos, que sugestão teria a dar a um país que luta para construir a sua atenção?

Jean Parrot – Eu não acredito que tenhamos algum conselho a dar. Simplesmente, acredito que podemos trocar experiências. Somos uma população diferente, dentro de uma conjuntura diferente. Eu penso que o número de farmacêuticos, no Brasil, é proporcional ao número de farmacêuticos que possui a França e eu acredito que o Brasil poderá encontrar um meio de distribuir esse número de farmacêuticos em todos os cantos do País, de forma que toda a população poderá ter acesso aos seus serviços e ao medicamento.

PHARMACIA BRASILEIRA – O que o senhor sabe sobre a atividade farmacêutica brasileira?

Jean Parrot – O pouco que eu sei é que vocês têm um número de farmacêutico aproximadamente proporcional ao da França: um farmacêutico para cada 3 mil habitantes. O problema está em sua distri-

“O pouco que eu sei sobre a atividade farmacêutica, no Brasil, é que vocês têm um número de farmacêutico aproximadamente proporcional ao da França: um farmacêutico para cada 3 mil habitantes. O problema está em sua distribuição”.

buição. Nós temos uma lei que determina que uma farmácia não pode ser instalada, onde não exista necessidade da população daquela área. Nós temos, garantido pelo Estado, um número certo de farmácias para atender um número determinado de habitantes de uma região. Logicamente, em regiões com maior concentração populacional, há possibilidade de haver um maior número de farmácias. São cerca de 300 metros separando as farmácias, dependendo da concentração demográfica.

PHARMACIA BRASILEIRA – No Brasil, há muitas farmácias vizinhas. Isso é um indicador dos interesses sociais sobrepujando os interesses sanitários?

Jean Parrot – A farmácia é uma matéria de saúde, mas também uma matéria econômica. É preciso conciliar as duas, resguardando a integridade da saúde pública. É por isso que, na França, temos a lei que distribui, geograficamente, as farmácias. Também, temos leis que determinam que as farmácias possam ir para as cidades menores. Há, inclusive, campanhas incentivando o farmacêutico a não ficar só nos grandes centros.

PHARMACIA BRASILEIRA – O senhor tem falado do impacto da globalização sobre a Farmácia. O que a globalização está trazendo de

pior para a atividade farmacêutica?

Jean Parrot – Nem sempre, o medicamento mais barato é o que vai resolver o problema de saúde. Há medicamentos mais baratos, feitos, por exemplo, na Nigéria, que nem se quer têm uma etiqueta indicando o que são aqueles produtos. Portanto, o farmacêutico tem que estar verificando, o tempo todo, a qualidade do medicamento que ele está dispensando à população.

O farmacêutico foi formado na universidade. Ele tem uma cabeça e duas mãos. A mão direita é a que vende o medicamento. É a mão do comércio. E isso é necessário, porque o farmacêutico tem que produzir e vender, pois ele ou tem uma empresa farmacêutica, ou é empregado em uma farmácia. Mas precisa vender um bom produto.

Já a outra mão é a que sinaliza que ele é um profissional da saúde. Esta outra mão não vende o medicamento, mas apenas escreve no papel como os pacientes devem corretamente utilizar os produtos que a mão direita vendeu. Portanto, o farmacêutico tem que encontrar o ponto de equilíbrio entre esses dois pólos, pois se agir só com uma mão, ou só com a outra, ele vai perder.

PHARMACIA BRASILEIRA – A globalização pode causar mais impactos negativos sobre a atividade farmacêutica e sobre o medicamento?

Jean Parrot – A globalização é uma chance que precisamos utilizar para melhorar a di-

mensão do mercado. Todas as populações do mundo precisam de medicamento. Então, a globalização deve existir também para as popu-

“A farmácia é uma matéria de saúde, mas também uma matéria econômica. É preciso conciliar as duas, resguardando a integridade da saúde pública. É por isso que, na França, temos a lei que distribui, geograficamente, as farmácias”



Jean Parrot

lações pobres e para os profissionais da saúde, para que os seus serviços cheguem até essas populações. Os médicos e farmacêuticos precisam construir boas novas dentro dessa globalização. Caso contrário, com as empresas não compreendendo que o mercado deve ser adaptado a cada país e a cada necessidade, aquela área da população vai perder os benefícios da globalização, e os farmacêuticos, também. O que o Brasil fez (*NR.: a luta do Ministério da Saúde pela quebra de patentes de medicamentos para doenças como a Aids*), depois do que aconteceu na África do Sul, é uma boa solução. Isso deve ser explorado por todos os povos, políticos, autoridades da saúde e pelos profissionais.

As autoridades da saúde devem construir um circuito fechado de profissionais para ser colocado nos lugares estratégicos específicos para tratar, em um dia, sobre a Aids; em outro dia, sobre a malária etc. Não podemos criar um sistema de saúde em função de um produto ou de uma patologia.

PHARMACIA BRASILEIRA –
A maioria dos países do Terceiro

Mundo ainda não tem a atenção farmacêutica como uma prioridade dentro da saúde pública. Que avaliação o senhor faz disso e o que essa realidade pode trazer como consequências?

Jean Parrot – Em todo o mundo, há uma chance para a saúde, se nós colocarmos os medicamentos em todas as partes, com preços diferentes, em função das necessidades e com a participação do farmacêutico etc., etc. E tudo isso, construído com as autoridades sanitárias e com os profissionais de saúde. Nós, farmacêuticos, na Europa e aqui, temos responsabilidade de trocar experiências e escolher o que podemos fazer para melhorar a resposta da saúde, dentro do próprio país.

Tem que ser louco, hoje, para fazer, como o nosso presidente (da França), mas a Cruz Vermelha e a ONU, que enviaram quatro toneladas de medicamentos para o Zimbábwe, onde 40% da população são de pessoas soropositivas. Ali, as pessoas que caem no chão sequer têm condições de ser recolhidas. Só os idosos e as pequenas crianças não estão contaminadas com o HIV. Lá, não há higiene, não há alimento.

O que é que eles vão fazer com quatro toneladas de medicamentos? Quem é que vai dizer àquele povo que ele tem que usar o medicamento tantas vezes, ao dia? Que tem que tomar um determinado produto, durante, antes ou depois das refeições? Mas que refeições, se eles não têm nada o que comer? (*NR.: Jean Parrot emociona-se, neste momento*). Não há pessoas qualifica-

das para prestar essas informações, naquele País. É uma completa loucura achar que vai se resolver o problema da Aids ou de alguma outra doença daquele ou de outro povo na mesma situação apenas mandando para lá quatro toneladas de medicamentos. Isso é uma loucura. Nós não resolvemos nada, dessa forma.

Precisamos ter a consciência de que, assim, vamos apenas dar lucro a quem vende as quatro toneladas. Isso, os políticos não dizem nunca. Nós é que temos que dizer. Somente nós. Essa é a nossa mensagem. Uma solução é formar

“Em todo o mundo, há uma chance para a saúde, se nós colocarmos os medicamentos em todas as partes, com preços diferentes, em função das necessidades e com a participação do farmacêutico etc., etc.”

as pessoas. Se os farmacêuticos, os médicos e os enfermeiros informarem a população e se essa população tiver água potável, boa agricultura, comida, etc., ela será melhor. Portanto, não basta enviar a uma população naquelas condições apenas

quatro toneladas de medicamento. Isso é uma loucura. Falta a essa população outros itens básicos, como a própria atenção farmacêutica.

Por ocasião da guerra dos Balcãs (*NR.: Povo situado na península ao S.E. da Europa*), o Governo francês, a Cruz Vermelha e a ONU também enviaram ao local toneladas de medicamentos. Depois, o governo teve que mandar caminhões para trazer, de volta, esses produtos, porque eles sequer tinham incineradores para destruí-los, corretamente. Muitos perderam a validade. O problema é que os Balcãs não tinham ninguém – nenhum farmacêutico – que pudesse instruí-los sobre como usar aqueles medicamentos.